

O som e os outros na vida e na morte¹: Percepções da vida e da morte na adolescência

Rute Rodrigues², Abílio Oliveira³ & Daniel Sampaio⁴

O objectivo central deste trabalho foi apreender as representações sociais (RS) da vida e da morte, dois temas essenciais na adolescência, numa população de jovens de ambos os sexos, entre os 15 e os 19 anos. Averiguou-se, igualmente, as associações entre estas representações, as preferências musicais e as opiniões dos outros. Os resultados indicam que a vida é associada sobretudo aos amigos e à diversão, sendo a morte representada essencialmente como saudade, tristeza e sofrimento. As raparigas, mais do que os rapazes, tendem a ancorar a vida ao relacionamento com o outro e ao mal-estar; e salientam na morte, principalmente, o mal-estar, o ritualismo e o afastamento do outro. Os jovens de 15-16 anos, mais do que os de 17-19, realçam a vida como realização pessoal. As opiniões da família e dos amigos são muito importantes nas RS da vida e da morte.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência, Morte, Música, Representações Sociais, Vida.

Introdução

Estudar a forma como a vida e, sobretudo, a morte são pensadas e representadas, constitui um veículo privilegiado para observar os processos que assistem ao nosso esforço de transformar, mesmo o que nos é (era) estranho, em algo de familiar. E, relativamente à morte, quase tudo nela nos é, *a priori*, estranho e incómodo, desde os rituais que se lhe associam (velório, funeral, caixão, enterramento ou

1 Este trabalho fundamenta-se e resume uma investigação empírica intitulada "O som e os outros na vida e na morte – percepções da vida e da morte na adolescência" apresentada como dissertação de mestrado em psicologia social das organizações.

2 Psicóloga, Mestre em Psicologia Social das Organizações - rute.rodrigues.pso@gmail.com

3 Professor Auxiliar no ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa; Investigador no CIES Centro de Investigação e Estudos de Sociologia - abilio.oliveira@iscte.pt

4 Professor Catedrático de Psiquiatria e Saúde Mental da Faculdade de Medicina de Lisboa - d.sampaio@netcabo.pt

cremação) até à própria decomposição do corpo e, sobretudo, à ausência da pessoa que parte (e.g., Bradbury, 1999; Kastenbaum, 2001). A morte, não sendo familiar, está muito presente no imaginário e quotidiano dos adolescentes, e pode ser representada não tanto como um fim mas, antes, como um afastamento ou um temporário desaparecimento (e.g., Oliveira, 2008a, Oliveira, 2008b). Ou não fosse a morte uma espécie de lado sombrio da vida, na orla dos múltiplos riscos que qualquer jovem adolescente taceia no seu habitual percurso de vida.

Perceber em que medida as representações sociais da vida e da morte variam em função da idade e do sexo, da música ouvida e da opinião dos outros, numa população adolescente, constitui-se, então, como a grande questão de investigação.

A adolescência: o eu e os outros

A adolescência é, por excelência, o período de maiores e mais radicais desenvolvimentos no ciclo de vida humana. Tida como a ponte entre a infância e a idade adulta, a ela se atribuem importantes alterações físicas, cognitivas, afectivo-emocionais e psicossociais (e.g., Blos, 1962; Braconnier, 2002; Braconnier e Marcelli, 2000; Frankel, 1999; Pais, 1996; Papalia et al, 2001; Oliveira, 2008a; Sampaio, 1993).

Um dos maiores desafios do adolescente é encontrar-se a si e aos outros, enquanto procura descobrir qual o seu papel e o seu lugar na sociedade (e.g., Geldard e Geldard, 2000). É essa busca, tão solitária quanto feita em interacção com os outros - pais, colegas, amigos, ídolos - que permite ao adolescente diferenciar-se e afirmar uma identidade própria (e.g., Erikson, 1972; Geldard e Geldard, 2000; Sprinthall e Collins, 1999). O enfraquecimento do vínculo com os pais coincide com a conquista de um grupo seguro de amigos com o qual o jovem se identifica e que constitui um espaço de partilha de experiências, sensações, valores e interesses (e.g. Bowlby, 1998; Campos, 2001; Coleman, 1992, 1995; Heaven, 1994; Laufer, 2000; Oliveira, 2008a; Palmonari et al, 1991; Pommereau, 1998; Sampaio, 1993, 2002; Sprinthall e Sprinthall, 1993).

Sons na adolescência: a importância da música

Entre as várias actividades que assumem importância durante a adolescência, destacam-se, claramente, as ligadas à música por desempenharem um papel preponderante na formação da identidade (e.g., Barros, 2000; Rodrigues, 1997; Sampaio, 1993; Vallejo-Nágera, 2003), na socialização entre os adolescentes (Abreu, 2000; Borralho, 2002; Cabral e Pais, 2003; Oliveira, 2008a), podendo mesmo exer-

cer influência no seu modo de pensar e sentir (e.g. Barros, 2000; Borralho, 2002; Gard, 1997; Mills, 1996; Nunes, 1997; Oliveira, 2008a; Rodrigues, 1997).

É, então, numa fase de oscilações, alterações e incertezas que os pensamentos e ideias sobre a vida e a morte assumem particular interesse (e.g., Crepet, 2002; Fonseca, 2002; Laufer, 2000; Oliveira, 20008; Sampaio, 1993).

A vida e a morte: duas faces da mesma moeda

A vida e a morte surgem como dois conceitos indissociáveis e complementares, duas categorias chave no entendimento, interpretação e conhecimento de tudo o que existe (e.g., Kastenbaum, 2001; Morin, 1988; Oliveira, 2008b; Thomas, 1978). De acordo com Lifton (1979), representar a morte e a vida como uma unidade, implica assumir que os pensamentos em relação à morte acompanham o desenvolvimento dos indivíduos desde o nascimento. Representada das mais diferentes formas ao longo da história da humanidade (Ariés, 1975; Morin, 1988; Vovelle, 1983), é-nos difícil entender e aceitar a nossa morte e doloroso imaginar a morte do outro, pelo que a sua chegada é sempre brusca, violenta e traumatizante (e.g., Coelho, 1991; Oliveira, 2008b). *“To die is the human condition and reflection concerning death exists practically among all people”* (Feifel, 1990, p. 537). O medo e a ansiedade causados pela ideia da morte têm origem na existência em nós de, por um lado, um forte apego à vida e instinto de preservação, e, por outro, da certeza da nossa própria mortalidade (e.g., Schimel et al (2007).

Os adolescentes e a morte

“Adolescents often do not fully grasp the concept of death. This can cause them to pay less attention to risk than they should” (Schowalter, 1987, p. 7). Embora conscientes da mortalidade humana, os adolescentes não crêem na sua própria finitude, pelo que a morte tende a ser entendida como uma realidade estilizada e, amiúde, revestida de *glamour* (e.g., Frankel 1999; Oliveira, 2008a; Orbach et al, 1993; Patros e Shamoo, 1989). É por procurarem experimentar, viver e sentir tudo da forma mais pessoal possível que os adolescentes, por vezes, se aproximam tanto da morte (Hanus, 1998; Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2001). O tactear, ou mesmo o transgredir de certos limites, pode tomar a forma de comportamentos de risco - abuso de álcool ou drogas, condução em excesso de velocidade, sexualidade de risco, entre outros (e.g., Braconnier e Marcelli, 2000; Crepet, 2002; Jamison, 2001; Laufer, 2000) - ou de comportamentos de auto-mutilação (ou auto-agressão) - sobretudo cortes e queimaduras no antebraço ou nas coxas - (e.g., Hende, 2008;

Oliveira, 2008a; Saraiva, 1999) podendo estes culminar mesmo em tentativas de suicídio (e.g., Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2004; Trainor, 2004).

Pensar fenómenos profundamente complexos como a vida, a morte, a doença ou a felicidade só é possível através de representações (e.g., Bradbury, 1999).

Teoria das Representações Sociais: o conceito

“When we study social representations, what we are studying are human beings asking questions and looking for answers, human beings who think, not just handle information or act in a certain way” (Moscovici, 1981, p. 182).

A teoria de Moscovici (1961/1976) entende as representações como construções sociais a partir das quais se torna possível moldar as nossas percepções e concepções de um objecto e da própria realidade. “O que é desconhecido ou estranho afigura-se como ameaça porque não temos categorias onde o encaixar” (Farr, 1984, p. 386). De acordo com Moscovici (1973, citado por Bradbury, 1999), representar socialmente algo, mais do que revelar opiniões, imagens ou atitudes, identifica todo um sistema de valores e conhecimentos que assiste à organização da realidade. É este sistema que permite aos indivíduos tentar apreender e controlar o meio envolvente e comunicar com os outros através deste código que se torna partilhado. As representações são sociais porquanto são comuns e partilhadas, a nível grupal ou social, colectivamente produzidas, como resultado da interacção e comunicação de grupos (Vala, 2004). São formas de conhecimento prático, construídas e partilhadas socialmente nas interacções do dia-a-dia (Jodelet, 1984).

Para Moscovici (1988), as representações hegemónicas designam formas de sentido e significado que são largamente partilhadas e capazes de estruturar um grupo ou o próprio meio social; enquanto as representações emancipadas, por sua vez, referem-se a conjuntos de conhecimentos, sentimentos, saberes ou ideias que caracterizam cada grupo específico e reflectem a cooperação entre grupos, porquanto implicam a troca de diferentes significados entre os mesmos.

Ao tornar familiar o que era distante ou desconhecido (e.g., Farr, 1984; Moscovici, 1981) as RS, na sua formação, assentam em dois processos sócio-cognitivos: objectivação e ancoragem (Moscovici, 1961/1976). Pela objectivação procura-se dar forma a uma ideia, transformar o abstracto em concreto (e.g., Castro, 2002; Oliveira, 2008a; Vala, 2004). A ancoragem permite construir redes de significado em redor do conceito, por aproximação a categorias de que já dispomos (e.g., Castro, 2002).

Objectivos principais

Temos por objectivos principais na investigação que desenvolvemos: 1) apreender e analisar as representações sociais da vida e da morte numa população adolescente; 2) apreender e analisar as suas preferências musicais; 3) verificar de que modo as representações sociais e as preferências musicais encontradas variam em função dos grupos de pertença (sexo e idade); 4) verificar as associações que possam existir entre as dimensões de significação da vida e da morte, e as preferências musicais, bem como destas com a opinião dos outros (pai, mãe, amigos ou namorado, entre outros).

Hipóteses Gerais

Admitindo que os rapazes tendem a preferir música mais pesada do que as raparigas (e.g., Scheel e Westfeld, 1999), é expectável que:

1) Os rapazes revelem maior gosto por *rock* e *metal*, e as raparigas por música mais ligeira, dançável ou romântica (e.g., Barros, 2000; Nunes, 1997; Oliveira 2008a).

Dadas as diferenças entre o sexo masculino e o feminino na expressão de emoções, e que a mulher tem maior facilidade em demonstrar felicidade e amor (e.g., Brien, 2009; Oliveira, 2008a), esperamos que:

2) Nas representações da vida sejam salientadas dimensões associadas ao bem-estar e à felicidade, sobretudo pelas raparigas.

Tendo em conta a possibilidade de as mulheres demonstrarem com maior facilidade emoções perante a morte (e.g., Oliveira, 1995; Oliveira e Amâncio, 1998, 1999), e sendo as raparigas vistas como mais expressivas, cuidadosas, empáticas e próximas do outro, enquanto os rapazes são vistos como mais fortes e capazes de resolver sozinhos qualquer situação (e.g., Galambos, 2004), prevemos que:

3) As raparigas salientem nas representações da morte a perda e a tristeza, ancorando-a no seu sentido ritualista e objectivando-a na perda do outro (e.g., Oliveira, 1995; 2008b; Oliveira e Amâncio, 1998, 1999), e os rapazes a representem sobretudo nas suas causas e questionamento (e.g., Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2004).

Considerando que os indivíduos podem ser influenciados pela opinião dos outros, adoptando posturas, pontos de vista ou atitudes em função do que é percebido como sendo as posturas, pontos de vista ou atitudes dos outros, tomadas como exactas e relevantes, (e.g., Asch, 1952; Coleman, 1985; Festinger, 1950; Sherif, 1936),

e que esta influência é tão mais forte quanto maior for a relevância psicológica dos outros para o indivíduo em causa (Kelly, 1952), prevemos que:

4) Nas preferências musicais os adolescentes revelem a importância dos outros, nomeadamente dos amigos, nas suas escolhas (e.g., Nunes, 1997) e que nas RS da vida e da morte, as opiniões quer da família, quer dos amigos, se mostrem relevantes (e.g., Brown, 2004; Nurmi, 2004; Ryan, 2001).

Método

Participantes

Participaram nesta pesquisa 262 indivíduos, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, estudantes do ensino secundário, sendo 54% dos participantes do sexo masculino e 46% do sexo feminino. Relativamente à idade, 61% dos inquiridos tinham entre 15 e 16 anos e 39% estavam entre os 17 e os 19 anos.

Variáveis

As variáveis independentes consideradas são o sexo e a idade (foram estabelecidos dois escalões etários: participantes dos 15 aos 16 anos e participantes dos 17 aos 19 anos). Considerámos como variáveis dependentes as dimensões de representação encontradas para a morte, a vida, as preferências musicais e as opiniões dos outros.

Procedimento prévio

Começámos por actualizar a lista de preferências musicais utilizada por Oliveira (2004, 2008a). Para o efeito, foi desenvolvido um pequeno questionário englobando a questão: “Quais são os músicos, artistas, grupos, bandas, cantores(as) ou compositores(as) de que mais gosta?”. Este foi aplicado a adolescentes, escolarizados, de ambos os sexos, entre os 14 e os 18 anos. Para seleccionarmos os itens, tivemos em conta as preferências de um número significativo de participantes⁵. Foram ainda retirados da lista original alguns itens que em estudos anteriores (Oliveira, 2004,

⁵ Cerca de 20%.

2008a), revelaram médias de preferências bastante baixas. Compilámos, assim, uma nova lista de 36 itens posteriormente incluída no instrumento de medida.

Instrumento de Medida

O questionário utilizado foi constituído por seis grupos de questões fechadas, acompanhados por escalas de 1 (por exemplo, não gosto nada ou absolutamente nada) a 5 (muitíssimo). Do primeiro grupo constava uma lista com 36 bandas/compositores, relativa às preferências musicais, tal como descrita atrás. No segundo grupo, questionámos os participantes quanto à influência de alguns (14) referentes nas suas preferências musicais (amigos, pai, namorado, figura pública, etc), pedindo que indicassem em que medida as opiniões, gostos ou preferências de cada um desses referentes era importante para o participante. O terceiro grupo de questões remetia para as representações sociais da vida, sendo perguntado em que medida a vida os fazia pensar, sentir ou imaginar cada um dos 27 itens apresentados (activo, alegria, família, problemas, morte, etc)⁶. Seguiu-se, à semelhança do que foi feito para as preferências musicais, um grupo de questões relativas à influência dos outros nas RS da vida. Processo idêntico foi utilizado para as RS da morte, sendo que foram apresentados 37 itens (doença, tristeza, sofrimento, vazio, perda, etc). O sexto grupo de questões respeitava novamente, à influência dos outros, desta feita nas RS da morte. Finalmente, na última parte do questionário foram requeridos alguns dados sócio-demográficos, tendo-se reservado igualmente reservado um espaço para comentários adicionais.

Procedimento

O questionário foi primeiramente aplicado a uma pequena população de características semelhantes à do estudo desenvolvido, tendo-se verificado que os sujeitos não revelaram qualquer dificuldade em entender ou responder às várias questões. Após a validação do instrumento, os dados para o estudo foram recolhidos em contexto de aula, colectivamente, tendo cada participante respondido, por escrito, num protocolo individual.

⁶ Os itens seleccionados para as listas que remetem quer para as RS da vida quer para as RS da morte resultam do trabalho de Oliveira (2004, 2008a). Neste, foi pedido aos participantes que expressassem os seus pensamentos, ideias, imagens e símbolos acerca da vida e da morte, num máximo de 10 palavras ou pequenas frases. Os dados foram depois reduzidos, com base no critério de raiz etimológica de cada palavra, sendo os adjectivos e substantivos colocados no masculino e singular e os verbos no modo infinitivo, tendo sido retiradas as mais frequentes.

Resultados

Preferências musicais

No sentido de perceber como estes itens se relacionavam entre si e de identificar que dimensões (factores) comuns emergiam, foram realizadas Análises Factoriais de Componentes Principais (ACP) para as diferentes variáveis. Após uma solução inicial com todos os itens, a solução otimizada para as preferências musicais apresenta 8 dimensões (cf. Quadro 1).

Quadro 1. Estrutura factorial das dimensões significantes das Preferências Musicais

Itens	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8
	Rock/ grunge	Rock-norte- americano	Indie/ electro/ metal- inglês	Hip-hop/ new-metal	Reggae/ pop	Rock-clássico	Emotional- rock	Pop-feminino
Nirvana	.721	.398	.078	-.002	.044	.129	-.006	-.228
Offspring	.701	.135	.161	.157	.256	-.014	.013	-.131
Red Hot Chilli Peppers	.663	.079	.084	.321	.157	.200	-.051	.156
Pearl Jam	.628	.491	.046	.022	.230	.093	.003	.073
Incubus	.618	.166	.421	-.102	.024	-.001	.067	.172
Guns n' roses	.616	.305	.152	-.027	.052	.290	-.185	-.119
Metallica	.548	.348	.059	.089	-.052	.103	-.003	-.507
Xutos e Pontapés	.464	.304	-.322	.128	.198	.224	.137	.190
The Doors	.170	.763	.137	.105	.082	.168	.109	.090
REM	.219	.663	.058	.069	.023	.192	.107	.132
Led Zeppelin	.351	.613	.255	-.062	-.105	.242	-.119	-.078
System of a Down	.190	.584	.316	.235	.005	-.195	-.058	-.205
Smashing Pumpkins	.393	.562	.361	.046	-.070	.103	-.062	.050
Prodigy	.205	.487	.438	.216	.255	.205	-.012	-.107
Marilyn Manson	.200	.433	.268	.157	-.042	.032	.100	-.394
Cradle of Filth	.120	.196	.730	-.014	-.006	.121	.076	-.030
Lamb	.111	.338	.694	.083	.002	.041	.196	.037
Arctic Monkeys	.407	.150	.509	.138	-.075	.121	-.338	.226
Eminem	-.026	.189	.091	.775	.072	.065	.023	-.160
Da Weasel	.141	.043	-.028	.674	.144	-.073	-.103	.350
Linkin Park	.286	.033	.038	.608	.033	.160	.334	-.264
Bob Marley	.163	.052	-.052	.081	.862	.079	-.117	-.020
Ben Harper	.194	.026	.065	-.028	.756	.184	.092	.244
Bob Sinclair	.040	-.055	-.033	.391	.651	-.050	.234	.213
Queen	.247	.228	-.048	-.053	.109	.677	-.034	.027
Coldplay	.238	.062	.211	.135	.041	.636	.204	.216
Beethoven	-.140	.101	.331	.022	.143	.624	-.250	-.127
U2	.411	.256	-.137	.153	.008	.536	.138	.311
Jonas Brothers	.039	.041	-.048	.004	.158	-.040	.706	.179
Tokio Hotel	-.084	-.050	.153	-.044	-.137	.027	.634	-.155

Rihanna	-.215	.102	-.068	.399	.080	-.123	.561	.250
Green Day	.216	.173	.164	.385	.058	.196	.464	-.064
Amy Winehouse	.047	.006	.053	.001	.146	.106	.018	.733
Alanis Morissette	-.074	.276	.099	.020	.282	.195	.315	.496
Variância explicada	12.82	10.90	7.25	6.70	6.60	6.41	6.26	6.24
Percentagem acumulada	12.85	23.75	31.00	37.70	44.30	50.70	56.97	63.21
Alfa de Cronbach (α)	.85	.83	.64	.61	.74	.64	.56	.59

Nota: Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização Kaiser, convergente em 11 iterações. KMO= .853; teste de Bartlett= 3131.375, significância= .000

Dada a grande dificuldade em classificar estilos musicais e em estabelecer, com rigor, a fronteira entre um estilo e outro, optámos por não definir quaisquer estilos musicais *a priori*. Partimos, ao invés, das escolhas e respostas dos adolescentes e, *a posteriori*, em função das estruturas factoriais (cf. Quadro 1), denominámos as dimensões de acordo com os autores e estilos musicais mais relevantes em cada uma. Assim, o primeiro factor reúne bandas e/ou compositores associados a sonoridades mais «pesadas⁷» como sejam o *rock* (por exemplo, *Xutos e Pontapés* e *RHCP*), o *grunge* (por exemplo, *Nirvana* e *Pearl Jam*) e até o *metal* (por exemplo, *Metallica*). O segundo factor agrega bandas norte-americanas (excepção para *The Prodigy*) associadas ao *rock* de diversas gerações ou décadas (*The Doors* e *Led Zeppelin* essencialmente aos anos 60/70; *REM* década de 80; *Smashing Pumpkins*, *The Prodigy* e *Marilyn Manson*, anos 90 e *System of a Down* a surgir na segunda metade da década de 90). No terceiro factor encontramos três bandas que, embora de estilos musicais distintos (sendo *Arctic Monkeys*, *indie*, *Lamb*, *electrónico* e *Cradle of Filth*, *metal*), têm em comum o facto de serem todas originárias de Inglaterra. Já o quarto factor é composto por bandas características quer do género *hip-hop* (*Eminem* e *Da Weasel*), quer do *new-metal* (*Linkin Park*), unidas pela postura de revolta face a uma sociedade mecanizada e industrial. No quinto factor surgem bandas associadas ao *pop/reggae*. O sexto factor reúne bandas/compositores consagrados, que também atravessam várias gerações, casos de *Queen*, *U2* e *Beethoven*. O sétimo remete para bandas mais recentes, mais voltadas para um público jovem, agrupáveis sob a designação *emotional*⁸. Por último, o oitavo factor⁹ agrega duas representantes femininas do *pop* (*Alanis Morissette* e *Amy Winehouse*).

7 A música considerada «pesada» é normalmente caracterizada por ritmos rápidos, guitarras amplificadas, por vezes distorcidas, solos de bateria, som agressivo e marcada masculinidade (e.g., Arnett, 1991; Schwartz, 2003; Shuker, 1998), mas no nosso caso, consideramos ainda, como tão ou mais importante, o conteúdo ou mensagem veiculado (e.g., Borralho, 2002; Oliveira, 2004, 2008a).

8 Designação que deriva do facto de apelarem às emoções.

9 r de Pearson (“Amy Winehouse”, “Alanis Morissette”) = .42 ($p < 0,01$)

A opinião dos outros nas preferências musicais

A ACP realizada permitiu-nos obter três dimensões para a influência dos outros nas preferências musicais (cf. Quadro 2). Enquanto no primeiro factor surgem as pessoas mais próximas dos adolescentes (companheiros, grupo de pares), no segundo encontramos os membros da família e no terceiro agrupam-se as pessoas de um universo afectivamente mais afastado.

Quadro 2. Estrutura factorial das dimensões significantes da opinião dos outros nas preferências musicais

Itens	F1	F2	F3
	Grupo de pares	Família	Conhecidos
Melhor amigo(a)	,785	,291	,291
Namorado(a)	,782	,278	,142
Amigos(as)	,767	,146	,293
Outra pessoa de quem gosto muito	,766	,381	,188
Pai	,158	,867	,166
Mãe	,249	,847	,109
Outro familiar	,325	,688	,208
Figura pública	,152	,149	,809
Jornalista/crítico de música	,058	,312	,748
Conhecidos(as)	,405	,101	,664
Músico de referência	,356	,078	,651
Variância explicada	25.80	22.47	20.50
Percentagem acumulada	25.80	48.27	68.78
Alfa de Cronbach (α)	.87	.84	.77

Nota: Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização Kaiser, convergente em 6 iterações. KMO=.876; teste de Bartlett= 1423.475; significância=.000

RS da vida

Encontrámos cinco dimensões representativas da vida (cf. Quadro 3). No primeiro factor encontramos sentimentos ou pensamentos de bem-estar, que remetem para uma visão muito positiva da vida. O segundo factor reúne indicadores relativos ao gosto pela vida e por viver. O terceiro factor agrupa bens como saúde, trabalho e família que remetem para uma ideia de realização pessoal a nível individual, profissional e familiar. O quarto factor respeita a sentimentos de amizade e amor em relação ao outro. Finalmente, o quinto factor remete para o «outro lado» da vida, para o mal-estar que esta pode proporcionar, o que revela, portanto, que os jovens têm consciência dos aspectos menos positivos e das dificuldades, para além da sua vertente hedonista.

Quadro 3. Estrutura factorial das dimensões significantes da vida

Itens	F1	F2	F3	F4	F5
	Bem-estar	Vontade de viver	Realização Pessoal	Relacionamento com o outro	Mal-estar
Contente	.779	,291	.120	.038	-.091
Diversão	.752	,200	-.002	.194	.023
Felicidade	.720	,226	.126	.171	-.041
Bem-estar	.694	,055	.202	.330	-.079
Alegria	.689	,321	.057	.288	.033
Liberdade	.672	,086	.302	.235	.055
Convívio	.669	,045	.189	.381	-.011
Bem	.663	,069	.197	.311	-.087
Força	.656	,158	.214	.156	.009
Activo	.625	,180	.273	.124	.045
Esperança	.590	,349	.262	.043	.043
Futuro	.585	,196	.340	.060	.155
Vivo(a)	.221	.784	.224	.240	-.011
Vontade de viver	.276	.775	.159	.101	-.127
Viver	.306	.736	.191	.327	-.042
Pessoas	.243	.500	.387	-.004	.244
Saúde	.147	.074	.739	.197	-.052
Trabalho	.138	.156	.680	.106	.283
Sol	.306	.187	.660	-.016	-.032
Natureza	.232	.388	.536	-.093	.109
Família	.323	.197	.517	.334	-.110
Amizade	.424	.211	.110	.736	.063
Amor	.393	.107	.043	.695	.115
Amigos	.392	.280	.171	.681	-.001
Tristeza	-.100	-.054	.031	.114	.821
Morte	.076	.036	-.018	-.097	.794
Problemas	-.017	-.022	.115	.066	.783
Variância explicada	24.34	10.80	10.60	9.12	8.06
Percentagem acumulada	24.34	35.13	45.73	54.85	62.92
Alfa de Cronbach (α)	.92	.84	.77	.82	.75

Nota: Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização Kaiser, convergente em 7 iterações. KMO= .921; teste de Bartlett= 3766.991; significância= .000

A opinião dos outros na vida

O primeiro factor agrega os referentes mais próximos dos jovens, enquanto o segundo factor respeita a pessoas mais distantes ou com menor proximidade emocional (cf. Quadro 4).

Quadro 4. Estrutura factorial das dimensões significantes da influência das opiniões dos outros nas RS da vida

Itens	F1	F2
	Familiares/amigos	Conhecidos
Mãe	.859	.111
Melhor amigo(a)	.848	.135
Namorado(a)	.772	.092
Pai	.755	.134
Irmã(o)	.747	.227
Amigos(as)	.747	.282
Outro familiar	.681	.254
Jornalista/critico de música	.041	.858
Figura pública	.132	.805
Músico de referência	.084	.764
Conhecidos(as)	.267	.725
Professor(a)	.253	.675
Colega(s) de escola	.426	.602
Variância explicada	34.97	27.42
Porcentagem acumulada	34.97	65.39
Alfa de Cronbach (α)	.90	.85

Nota. Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização kaiser, convergente em 3 iterações. KMO= .868; teste de Bartlett= 1706.308; significância= .000

RS da morte

Quadro 5. Estrutura factorial das dimensões significantes das RS da morte

Itens	F1	F2	F3	F4
	Mal-estar	Ritualismo/ Causas de morte	Vivência próxima da morte	Questionamento/ Transcendência
Tristeza	.830	.135	.146	.002
Sufrimento	.819	.116	.206	-.009
Lágrimas	.802	.199	.207	-.002
Solidão	.787	.162	.036	.183
Vazio	.748	.131	-.045	.233
Infelicidade	.745	.315	.158	-.018
Dor	.731	.278	.230	-.027
Medo	.725	.271	.185	.193
Revolta	.708	.152	.214	.202
Desespero	.653	.293	.220	.050
Choro	.648	.322	.321	.004
Mal	.621	.411	-.183	.228
Fim	.620	.341	.066	.068
Saudade	.617	-.026	.398	.034

Pena	.586	.314	.237	.221
Angústia	.582	.423	.181	-.060
Caixão	.185	.870	-.003	.212
Cemitério	.238	.847	.064	.179
Funeral	.358	.748	-.046	.148
Acidente	.265	.665	.290	.024
Cruz	.121	.594	.030	.464
Doença	.371	.521	.254	.063
Preto	.383	.404	.075	.394
Família	.371	.070	.787	.074
Familiar próximo	.401	.063	.760	.092
Vida	.054	.108	.608	.317
Pensativo(a)	.338	.118	.501	.280
Deus	.119	.093	.182	.723
Vida para além da morte	.033	.096	.042	.667
Curiosidade	-.036	.156	.195	.560
Suicídio	.304	.360	-.338	.366
<hr/>				
Variância explicada	29.32	14.87	9.26	7.61
Percentagem acumulada	29.32	44.19	53.45	61.07
<hr/>				
Alfa de Cronbach (α)	.95	.85	.79	.58

Nota: Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização Kaiser, convergente em 6 iterações. KMO= .931; teste de Bartlett= 5451.262; significância= .000

O primeiro factor das RS da morte remete, claramente, para os sentimentos e pensamentos relacionados com a dor, o sofrimento e a perda, lembrando a irreversibilidade da morte. O segundo factor reúne causas de morte (doença, acidente) e salienta, ainda, uma forte dimensão ritualista. O terceiro factor respeita à vivência de proximidade da morte, ancorada no seio familiar dos jovens. Por último, o quarto remete para uma dimensão de questionamento, fazendo pensar no que existe para além da morte, na existência de Deus, despertando, como tal, curiosidade. É aqui que, com fraca contribuição, emerge o suicídio, figurando como um acontecimento pouco provável (cf. Quadro 5).

A opinião dos outros na morte

Quadro 6. Estrutura factorial das dimensões significantes da influência da opinião dos outros nas RS da morte

Itens	F1	F2
	Familiares/amigos	Conhecidos
Melhor amigo(a)	.911	.157
Mãe	.910	.131

Outra pessoa de quem gosto muito	.893	.161
Pai	.852	.146
Namorado(a)	.839	.134
Irmã(o)	.823	.298
Amigos(as)	.813	.306
Outro familiar	.810	.233
Jornalista/crítico de música	.068	.907
Figura pública	.098	.890
Músico de referência	.150	.876
Conhecidos(as)	.371	.682
Professor(a)	.421	.613
Variância explicada	47.94	27.43
Percentagem acumulada	47.94	75.38
Alfa de Cronbach (α)	.95	.87

Nota: Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização kaiser, convergente em 3 iterações. KMO= .911; teste de Bartlett= 2616.661; significância .000

No primeiro factor da ACP com a opinião dos outros, encontrámos novamente reunidos todos os referentes mais directos dos jovens, enquanto no segundo estão presentes indivíduos que podemos classificar como conhecidos.

As análises de variância realizadas com as dimensões representacionais encontradas para as preferências musicais, para a vida e para a morte, permitiram-nos identificar vários efeitos significativos.

Quadro 7. Efeitos significativos encontrados para as diferentes dimensões

Dimensões	Sexo	Idade	Sexo X Idade
Rock/grunge	$F(1,241) = 5,71^*$	$F(1,241) = 2,40$	$F(1,241) = 0,87$
Preferências musicais			
Rock-norte-americano	$F(1,225) = 1,26$	$F(1,225) = 1,57$	$F(1,225) = 7,04^{**}$
Hip-Hop/New metal	$F(1,253) = 5,32^*$	$F(1,253) = 5,32$	$F(1,253) = 2,04$
Emotional rock	$F(1,248) = 11,39^{**}$	$F(1,248) = 2,24$	$F(1,248) = 3,62$
Pop feminino	$F(1,245) = 31,64^{***}$	$F(1,245) = 0,34$	$F(1,245) = 0,02$
Bem-estar	$F(1,250) = 1,54$	$F(1,250) = 2,83$	$F(1,250) = 3,40$
Vontade de viver	$F(1,250) = 3,18$	$F(1,253) = 4,34^*$	$F(1,253) = 0,04$
RS Vida			
Realização pessoal	$F(1,251) = 2,34$	$F(1,251) = 11,48^{**}$	$F(1,251) = 1,73$
Relacionamento com o outro	$F(1,254) = 8,64^*$	$F(1,254) = 0,00$	$F(1,254) = 0,71$
Mal-estar	$F(1,253) = 5,81^*$	$F(1,253) = 1,43$	$F(1,253) = 0,00$
Mal-estar	$F(1,243) = 28,98^{***}$	$F(1,243) = 0,61$	$F(1,243) = 6,03^*$

RS morte	Ritualismo/causas de morte	$F(1,249) = 8,38^{**}$	$F(1,249) = 0,00$	$F(1,249) = 0,16$
	Vivência próxima da morte	$F(1,249) = 9,54^{**}$	$F(1,249) = 1,57$	$F(1,249) = 0,13$

Nota: * $p < 0,05$ ** $p < 0,001$ *** $p < 0,001$

Relativamente às preferências musicais, são os rapazes (cf. Quadro 7) que revelam maior preferência por música *rock/grunge*, bem como por *hip-hop*, enquanto as raparigas demonstram maior interesse pela música *emotional* e, igualmente, pelo *pop-feminino*. Os rapazes entre os 15 e os 16 anos (cf. Quadro 7), são os que mais apreciam o *rock-norte-americano* (cf. Quadro 7).

Para as raparigas, mais do que para os rapazes, a vida ancora quer no relacionamento com o outro, no amor e na amizade, quer no mal-estar, associada a morte, tristeza e problemas (cf. Quadro 7). É para os jovens entre os 15 e os 16 anos que a vida é mais fortemente associada à vontade de viver e à realização pessoal, remetendo para bens essenciais como o trabalho, a família ou a saúde (cf. Quadro 7).

Quanto às RS da morte, as raparigas, mais do que os rapazes, representam a morte sobretudo como mal-estar, associando-a a sentimentos de tristeza, sofrimento, dor (cf. Quadro 7), objectivando-a na sua vertente ritualista e percebendo-a como a perda ou afastamento das pessoas que lhes são importantes. É para as raparigas entre os 17 e os 19 anos que a morte mais ancora em sentimentos de mal-estar, o que parece aumentar com a idade, tendência contrária à verificada nos rapazes (cf. Quadro 7).

Ao relacionarmos as preferências musicais com aquilo que estes jovens pensam e sentem sobre a vida e a morte, percebemos que, para os adolescentes que mais preferem música *reggae*, *emotional-rock* e *pop-feminino*, a vida é representada, sobretudo, como realização pessoal, embora para os indivíduos que apreciam *emotional-rock*, a vida seja igualmente entendida como mal-estar. Relativamente às RS morte, quanto mais apreciam *rock/grunge*, menor a tendência dos jovens em representar a morte como mal-estar ou objectivá-la ritualisticamente. É para aqueles que mais apreciam *rock-clássico* que a morte sugere questionamento/transcendência.

Uma análise correlacional das variáveis, demonstrou que para os indivíduos que apreciam *emotional-rock*, a opinião dos companheiros é relevante, assim como é a opinião e preferências de conhecidos para quem aprecia *rock-norte-americano*, *hip-hop* e *rock-clássico*. Da mesma maneira, as representações da vida como bem-estar, vontade de viver e, sobretudo, como realização pessoal e relacionamento com o outro, são significativamente marcadas pela opinião dos familiares e amigos, embora seja de realçar, igualmente, o contributo que os conhecidos desempenham.

No que diz respeito às RS morte, mais uma vez os adolescentes revelam a importância dos outros nas suas representações. A percepção da morte associada ao mal-estar e, principalmente, à vivência próxima da morte (afastamento do outro), é muito influenciada pelo que é sentido ou pensado pelos familiares e amigos. Já a morte representada pela ancoragem no ritualismo ou no questionamento, resulta da influência, sobretudo, de conhecidos. Realce-se que, em todas as representações, da vida e da morte, excepção feita ao mal-estar (RS da vida) e ao relacionamento com o outro, quer os familiares e amigos, quer os conhecidos, prestam um contributo muito importante no entendimento destes jovens sobre o que é a vida e a morte.

Discussão

Os jovens inquiridos ouvem, acima de tudo, *rock*. São os rapazes que revelam maior preferência por música *grunge* ou *metal*, enquanto as raparigas preferem o *emotional-rock* e o *pop-feminino*.

A música que estes jovens mais ouvem deriva, em larga medida, das opiniões e gostos dos outros, reforçando-se assim, a importância, sobretudo do grupo de pares, numa actividade que é da maior relevância na adolescência (e.g., Barros, 2000; Rodrigues, 1997; Sampaio, 1993). Os jovens que mais ouvem *emotional-rock*, uma música cujas letras tendem a falar, essencialmente, do amor, dos desgostos de amor e até mesmo do suicídio, atribuem maior importância às preferências dos companheiros. Será por tratar-se de um estilo de música intimamente associado a uma dada (sub)cultura juvenil ou estilo de vida (forma de vestir, de pensar, de agir)? Então, o grupo de pares funciona como um espaço, onde estes jovens se podem expressar livremente e no qual existe uma certa homogeneização das preferências (e.g., Barros, 2000; Rodrigues, 1997), tanto mais que os gostos musicais podem corresponder a atitudes que são exactamente reforçadas neles e por eles (e.g., Pais, 1991).

Estes jovens encaram, em muito, a vida numa dimensão hedonista. Mais do que os rapazes, as raparigas associam-na ao relacionamento com o outro mais do que ao bem-estar (contrariamente ao que prevíamos na hipótese 2). Ou seja, por um lado sentem a vida como uma partilha com as pessoas que são importantes mas, por outro, preocupa-as os problemas, a tristeza, e a própria morte, tida como o afastamento das pessoas às quais está directamente associada a vida. O que pode significar maior «maturidade» cognitivo-emocional traduzível na preocupação pelo bem-estar ou, em rigor, pela falta dele.

Tal como esperávamos (hipótese 5), as representações que os adolescentes têm da vida são, efectivamente, influenciadas pelos sentimentos, ideias e pensamentos

dos que os rodeiam. Os outros, independentemente da sua proximidade afectiva e/ou física, têm uma forte influência na forma como a vida é pensada, para que se alcance sucesso e se cumpram objectivos.

Para as raparigas, a morte é, sobretudo, ancorada em sentimentos de mal-estar e objectivada na sua vertente ritualista e no medo da perda dos referentes, o que vai de encontro ao que esperávamos (hipótese 3), embora não tenham sido encontrados quaisquer efeitos significativos relativamente aos rapazes.

Um outro dado respeita ao facto de a morte, para estes jovens, fazer pensar pouco ou nada em suicídio. Poderemos assumir que, tal como já foi demonstrado, estes jovens tendem a não associar o suicídio à sua própria morte (e.g., Oliveira 2008a). Para os adolescentes, o suicídio pode representar uma fuga, uma vingança, um apelo, e acima de tudo, em desespero, uma forma de sobrevivência, uma maneira de desaparecer (e.g., Laufer, 2000; Oliveira, 2008a; Patros e Shamoos, 1989; Sampaio, 2002; Saraiva, 1999).

Para estes adolescentes a morte está directamente associada à vivência próxima da mesma, ou seja, ao afastamento dos outros e à separação, o que corrobora a ideia de que o conceito de morte é indissociável do de ligação aos outros (Lifton, 1979).

Tal como verificámos com a música e com as RS da vida, também o sentir e o pensar na morte encontram referência nos outros, quer na família e amigos, quer nos conhecidos. São precisamente os conhecidos que mais influenciam a visão da morte como ritualismo, ou pelas suas causas, e como questionamento ou transcendência. É com as pessoas mais afastadas, logo com menor envolvimento emocional, que os jovens partilham as percepções da morte como causas e ritualismo (caixão, funeral, preto). Será mais difícil discutir estes aspectos com as pessoas que lhes estão mais próximas, pois teriam que admitir que elas mesmas poderiam morrer. Na verdade, a morte é um assunto muito pouco discutido, escondido e envergonhado (e.g., Oliveira, 2008a; Vovelle, 1991), dificilmente abordado em família ou no grupo de amigos (e.g., Oliveira, 2008a).

Tenhamos, ainda, em mente que falamos de adolescentes, expostos à televisão, aos filmes, aos jogos, à internet, aos *media*. E estes meios de comunicação são, eles próprios, componentes do social e geradores de significado (e.g., Jovchelovitch, 2000). Para além disso, a componente ritualista ou causal da morte pode funcionar como uma espécie de terapia, como uma construção social que marca o fim, a despedida (Walter, 1994). Não será igualmente de descurar o facto de, na sociedade ocidental, a morte estar associada exactamente ao seu aspecto mais ritualista e causal, agindo, pela comunicação e interacção, directamente sobre as representações destes jovens (Moscovici, 1988).

A família permanece, mesmo na adolescência, numa fase de autonomização do pensamento e de corte de alguns laços de infância (e.g., Fleming, 1993; Laufer, 2000; Palmonari et al, 1991; Sprinthall e Sprinthall, 1993), como uma importante referência no pensar e no sentir dos jovens. Os adolescentes tendem a discutir com os pais questões mais relacionadas com a escola ou com o futuro profissional, reservando para os amigos as reflexões sobre sentimentos ou relacionamentos (e.g., Sampaio, 1993; Tao Hunter, 1985, citado por Nurmi, 2004; Vaillant, 2000). Os pais podem influenciar o desenvolvimento das atitudes, valores e interesses dos filhos ao agirem como modelos de referência (e.g., Nurmi, 2004). A influência dos amigos pode ir no mesmo sentido, já que constituem uma «medida padrão» pela qual os adolescentes avaliam os seus próprios pensamentos, atitudes ou comportamentos (e.g., Ryan, 2001). De resto, tal como nos diz Brown (2004), na adolescência, cerca de 90% dos jovens tem pelo menos uma pessoa que considera um grande amigo. E a influência destes amigos pode ocorrer de formas variadas, da mais directa (pressão e até coerção), à mais subtil (de carácter mais normativo, que acontece nas situações mais banais como as simples conversas). Esta influência é um fenómeno recíproco, já que o adolescente tanto influencia, como é, ele próprio, influenciado por quem o rodeia. E esse é, indubitavelmente, um ponto central na teoria das representações sociais. Todos nós somos agentes, passivos e activos, na criação, manipulação e veiculação das RS (e.g., Oliveira, 2008a).

Conclusões

Perceber como os adolescentes pensam a vida e a morte apresenta-se como uma mais-valia para os técnicos de saúde mental (e.g., Brown e Hendee, 1989). É nossa convicção que esta é uma ferramenta da maior utilidade em campanhas de prevenção do suicídio juvenil. As percepções dos adolescentes sobre a vida e a morte são como uma janela que nos deixa antever as suas perspectivas, objectivos e anseios mas, igualmente, os seus medos, hesitações e dificuldades em viver o presente e encarar o futuro, com maior ou menor esperança.

Se a música constitui, de facto, uma linguagem essencial utilizada pelos adolescentes para partilhar e descobrir o mundo, poderá, igualmente, constituir um privilegiado meio de estabelecer proximidades, bem como um veículo de comunicação com os jovens, mesmo em situação de relação terapêutica (e.g., Brown e Hendee, 1989; Schwartz e Fouts, 2003). A relação com os outros, a linguagem, a comunicação e a interacção, tão relevantes na adolescência, são vitais no desenvolvimento, partilha e divulgação de pensamentos, sentimentos e comportamentos, afinal, os elementos integrantes e integradores das representações sociais (Moscovici, 1988).

Estes resultados focam uma realidade complexa e muito pertinente em termos psicossociais. Estudámos as representações sociais da vida e da morte na adolescência, uma fase propícia aos grandes questionamentos. Contudo, assumindo que as alterações cognitivas, sociais e emocionais que se registam ao longo da vida são essenciais na forma como se pensam estes fenómenos, e que o convívio de perto com a morte pode influenciar largamente as concepções que dela se tem (e.g., Maxfield et al, 2007), seria interessante, em futuras investigações, trabalhar-se tanto com populações infantis como de adultos e idosos.

Como diria Carl Sagan (1998), queiramos ou não, estamos interligados e condenados a aprender e cooperar. Entre gerações. Na vida e na morte. Na ilusão ou na esperança da imortalidade.

Referências bibliográficas

- Abreu, P. (2000). Práticas e consumos de música(s): ilustrações sobre alguns novos contextos da prática cultural. *Revista crítica de ciências sociais*, 56, 123-147.
- Ariés, P. (1975). *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Arnett, J. (1991). Adolescents and heavy metal music: from the mouths of metalheads. *Youth & Society*, 23 (1), 76-98.
- Asch, S. (1952). *Social Psychology*. N.J.: Prentice-Hall.
- Barros, C. (2000). *Música e juventude*. Lisboa: Vulgata.
- Blos, P. (1962). *On adolescence*. Nova Iorque: Free Press Glencoe.
- Borrhalho, C. (2002). *Música, preferências musicais e a ideação suicida na adolescência*. Monografia, ISPA, Lisboa.
- Bowlby, J. (1998). *Apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Braconnier, A. (2002). *Guia da adolescência – primeiro volume*. Lisboa: Prefácio.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Bradbury, M. (1999). *Representations of death*. Londres: Routledge.
- Brien, J. (Ed.). (2009). *Encyclopedia of Gender and Society*. CA: Sage Publications.
- Brown, B. (2004). Adolescents' relationships. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.). *Handbook of adolescent psychology* (2ª ed.). New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Brown, E. & Hendee, W. (1989). Adolescents and their music: insights into the health of adolescents. *Journal of the American Medical Association*, 262, 1659-1663.
- Cabral, M., & Pais, J. (Eds.). (2003). *Condutas de risco, práticas culturais, e atitudes perante o corpo: resultados de um inquérito aos jovens portugueses em 2000* (Col. Estudos sobre juventude, 4). Oeiras: Celta/IPJ.
- Campos, N. (2001). *Psicologia da adolescência*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Castro, P. (2002). *Natureza, ciência e retórica na construção social da ideia de ambiente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coeelho, A. (1991). *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Livraria Minerva.
- Coleman, J. (1985). *Psicologia de la adolescência*. Madrid: Morata.

- Coleman, J. (1992). Current views of the adolescent process. In J. Coleman (Ed.), *The School Years – current issues in the socialization of young people*. (2ª ed.). London: Routledge.
- Coleman, J. (1995). Adolescence. In P. Bryant & A. Colman (Eds.), *Developmental Psychology*. New York: Longman.
- Crepet, P. (2002). *A dimensão do vazio*. Porto: Âmbar.
- Erikson, E. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Farr, R. (1984). Représentations sociales. In S. Moscovici (Ed.). *Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Feifel, H. (1990). Psychology and death. *American Psychologist*, 15 (4), 537-543.
- Festinger, L. (1950). Informal social communication. *Psychological Review*, 57, 271-282.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia – o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Afrontamento.
- Fonseca, H. (2002). *Compreender os adolescentes*. Lisboa: Presença.
- Frankel, R. (1999). *The adolescent psyche*. Londres: Routledge.
- Galambos, N. (2004). Gender and gender role: development in adolescence. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.). *Handbook of adolescence psychology* (2ª ed.). New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Gard, C. (1997). Music'n'Moods. *Current Health*, 2, 24-26.
- Geldard, K. & Geldard, D. (2000). *Counselling adolescents*. Londres: Sage Publications.
- Hanus, M. (1998). Editorial. In *Estudes sur la mort: L'adolescent et la mort*. Paris: L'Esprit du Temps.
- Heaven, P. (1994). *Contemporary adolescence – a social psychological approach*. Melbourne: Masmillan Australia.
- Hende, J. (2008). *Preventing suicide*. Chichester: John Wiley and Sons, Lda.
- Jamison, K. R. (2001). *Night falls fast – understanding suicide*. London: Picador.
- Jodelet, D. (1984). *Les représentations sociales: phénomènes, concept et théorie*. In S. Moscovici (Ed.). *Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Jovchelovitch, S. (2000). *Representações sociais e esfera pública*. SP: Câmara Brasileira do Livro.
- Kastenbaum, R. (2001). *Death, society and human experience*. (7ª ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Kelley, H. (1952). Two functions of reference groups. In G. E. Swanson, T.M. Newcomb, & E.L. Hartley (Eds.). *Readings in Social Psychology*. New York: Holt.
- Laufer, M. (2000). *O adolescente suicida*. Lisboa: Climepsi.
- Lifton, J. (1979). *The broken connection*. New York: Simon and Schuster.
- Maxfield, M, Kluck, B., Greenberg, J. Pyszczynski, T., Cox, C., Solomon, S, & Weise, D. (2007). Age-related differences in responses to thoughts of one's own death: mortality salience and judgments of moral transgressions. *Psychology and aging*, 22 (2), 341-353.
- Mills, B. (1996). Effects of music on assertive behaviour during exercise on middle-school-age students. *Perceptual and motor skills*, 83, 423-426.
- Morin, E. (1988). *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Moscovici, S. (1961/1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Fargas (Ed.). *Social Cognition-perspectives on everyday understanding*. Londres: Academic Press.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.

- Nunes, P. (1997). A música no universo juvenil: práticas e representações. Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL, Lisboa.
- Nurmi, J. (2004). Socialization and self-development: channeling, selection, adjustment and reflection. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.). *Handbook of adolescence psychology* (2ª ed.). New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Oliveira, A. (1995). Percepção da Morte: a realidade interdita. Tese de Mestrado, ISCTE, Lisboa.
- Oliveira, A. (2004). Ilusões: a melodia e o sentido da vida na idade das emoções: representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência. Tese de Doutoramento, ISCTE – Lisboa.
- Oliveira, A. (2008a). *Ilusões na idade das emoções – representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, A. (2008b). *O desafio da morte* (2ª ed.). Lisboa: Âncora Editora.
- Oliveira, A., & Amâncio, L. (1998). Pertencas sociais e formas de percepção e representação da morte. *Psicologia*, XII (1), 115-137.
- Oliveira, A., & Amâncio, L. (1999). A influência do contexto na percepção e nas representações sociais da morte. *Psicologia*, XII (2), 213-235.
- Oliveira, A., Amâncio, L., & Sampaio, D. (2001). Arriscar morrer para sobreviver. *Análise Psicológica*, XIX (4), 509-521.
- Oliveira, A., Amâncio, L., & Sampaio, D. (2004). Da desesperança ao desafio da morte... e à conquista da vida: Olhar sobre o adolescente suicida. *Psychologica*, 35, 69-83.
- Orbach, I., Kedem, P., Gorchover, O., Apter, A., & Tyano, S. (1993). Fears of death in suicidal and nonsuicidal adolescents. *Journal of abnormal psychology*, 102 (4), 553-558.
- Pais, J. (1996). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pais, J. (1991). Formas sociais de transição para a vida adulta. Tese de doutoramento. Lisboa: ISCTE.
- Palmonari, A., Pombeni, M. & Kirchler, E. (1991). Differential effects of identification family and peers on coping with developmental tasks in adolescence. *European journal of Social Psychology*, 21, 381-402.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Patros, P., & Shamoo, T. (1989). *Depression and suicide in children and adolescents*. Prevention, Intervention and Postvention. Massachusetts: Allyn and Bacon, Inc.
- Pommereau, X. (1998). *Quando o adolescente se sente mal...* Lisboa: Terramar.
- Rodrigues, A. (1997). Valores e representações corporais em culturas juvenis escolares. Tese de Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana – UTL, Lisboa.
- Ryan, A. (2001). The peer group as a context for the development of young adolescent motivation and achievement. *Child Development*, 72, 1135-1150.
- Sagan, C. (1998). Bilhões e Bilhões - Pensamentos sobre a vida e a morte no limiar do milénio. Lisboa: Gradiva.
- Sampaio, D. (1993). *Vozes e ruídos*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (2002). *Ninguém morre sozinho* (12ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Saraiva, C. (1999). *Para-Suicídio*. Coimbra: Quarteto.
- Scheel, K. & Westfeld, J. (1999). Heavy metal music and adolescent suicidality: an empirical investigation. *Adolescence*, 134 (34), 253-273.
- Schimmel, J., Hayes, J., Williams, T. & Jahrig, J. (2007). Is death really the worm at the core? Converging evidence that worldview threat increases death-thought accessibility. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92 (5), 789-803.

- Schowalter, J. (1987). Adolescents concepts of death and how these can kill them. In J. Schowalter, P. Buchschman, P. Patterson, A. Kutscher, M. Tallmer & R. Stevenson (Eds.). *Children and death – perspectives from birth through adolescence*. New York: Praeger Publishers.
- Schwartz, K. & Fouts, G. (2003). Music preferences, personality style and developmental issues of adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 32 (3), 205-213.
- Sherif, M. (1936). *The psychology of social norms*. New York: Harper & Brothers.
- Shuker, R. (1998). *Key concepts in popular music*. London: Routledge.
- Sprinthall, R. & Sprinthall, N. (1993). *Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Sprinthall, R. & Collins, W. (1999). *Psicologia do adolescente - uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Thomas, L-V. (1978). *Mort et pouvoir*. Paris: Payot.
- Trainor, G. (2004). Adolescents and developmental group psychotherapy. In D. Dufy & T. Ryan, (2004). (Eds.). *New approaches to preventing suicide*. Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.
- Vaillant, M. (2000). *O adolescente no quotidiano*. Lisboa: Pergaminho.
- Vala, J. (2004). Representações sociais e psicologia social do quotidiano. In J. Vala & M. Benedita (Eds.). *Psicologia Social* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vallejo-Nágera, A. (2003). *Os adolescentes e os pais*. Lisboa: Presença.
- Vovelle, M. (1983). *La morte et l'occident de 1300 à nos jours*. Paris: Gallimard.
- Walter, T. (1994). *The revival of death*. New York: Routledge.

The sound and the others in life and death: Perceptions of life and death in adolescence

The purpose of this study was to understand how life and death are represented among an adolescent population (15 to 19 years old). It was our goal, as well, to examine how these social representations might be linked with musical preferences and with the opinion of significant others. The findings indicate that life is mainly associated to friends and amusement and death is represented as sadness, suffering and pain. Girls, more than boys, are most likely to represent life with sadness and as closeness to others; and to anchor death mainly in feelings of sadness, pain and loss, in its ritualistic component and in the absence of others. Younger adolescents (15-16 years old) seem to understand it as personal accomplishment. The opinions of others proved to be relevant not only regarding musical preferences, but also in understanding life and death.

KEY-WORDS: Adolescence, Death, Life, Music, Social Representations.

Le son et l'autre dans la vie et la mort: Perceptions de la vie et la mort à l'adolescence

L'objectif central de ce travail fut apprendre les représentations sociales de la vie et de la mort, deux thèmes essentiels durant l'adolescence, dans une population de jeunes des deux sexes, entre 15 et 19 ans. On a enquêté, également, les associations entre ces représentations, les préférences musicales et les opinions des autres. Les résultats indiquent que la vie est associée surtout aux amis et au divertissement, étant la mort représentée essentiellement comme nostalgie, tristesse et souffrance. Les filles, plus que les garçons, ont tendance à accoster la vie au relationnement avec l'autre et au mal-être; et font ressortir dans la mort, principalement, le mal-être, le ritualisme et l'éloignement de l'autre. Les jeunes de 15 – 16 ans, plus que ceux de 17 – 19, font ressortir la vie comme réalisation personnelle. Les opinions de la famille et des amis sont très importantes dans les représentations sociales de la vie et de la mort.

MOTS-CLÉS: Adolescence, Mort, Musique, Représentations Sociales, Vie.